



ISSN: 2236-8221

O CORPO

Jornal de popularização científica

é discurso



Edição Especial

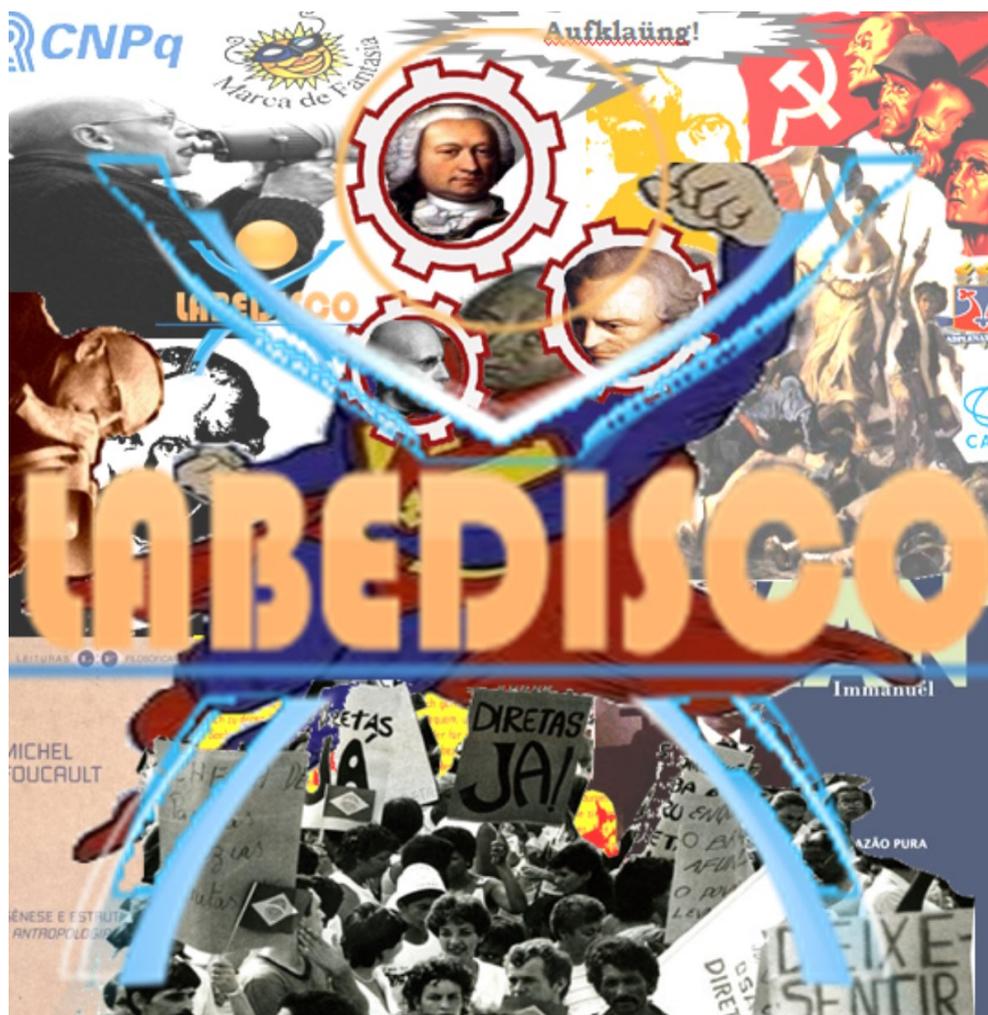
Vitória da Conquista, 31.01.2014

ocorpoediscorso@gmail.com

<http://www.marcadefantasia.com/o-corpo-e-discorso.htm>

O CORPO É DISCURSO

Nesta edição especial, O Corpo é discurso apresenta os resultados do Curso A construção do sujeito em Kant - As luzes de Foucault, organizado pelo professor Nilton Milanez e por Jamille Silva Santos, integrante do Labeledisco e mestrada do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



Acesse o site do Labeledisco: www2.uesb.br/labeledisco

EXPEDIENTE DE O CORPO

Editores

Nilton Milanez

Tyrone Chaves Filho

Organizador

Tyrone Chaves Filho

Editoração eletrônica

(MARCA DE FANTASIA)

Henrique Magalhães

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Elmo José dos Santos
(UFBA)

Dra. Flávia Zanutto
(UEM)

Dra. Ivânia Neves
(UFPA)

Dra. Ivone Tavares Lucena
(UFPB)

Dra. Mônica da Silva Cruz
(UFMA)

Dr. Nilton Milanez
(UESB)

Dra. Simone Hashiguti
(UFU)



Qualis B5



A construção do sujeito em Kant - As luzes de Foucault



No mês de Outubro de 2013, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, ocorreu o curso de extensão **A construção do sujeito em Kant - As luzes de Foucault**. O evento foi mais uma iniciativa do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. A proposta do curso foi estudar a construção do sujeito através dos cruzamentos existentes entre a Aufklärung kantiana e a análise do poder feita por Michel Foucault. Para tanto, foram realizadas releituras do texto "Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento" e da aula proferida por Michel Foucault em 5 de janeiro de 1983 no Collège de France. O curso se desenvolveu em sete encontros (carga horária de 20 horas), tendo cada um o seu ministrante, que traba-

lhou com um texto-base, e um debatedor. Nesse sentido, além dos textos citados, frequentaram os debates obras como *O Governo de si e o governo dos outros*, de Foucault, *Les Lumières et l'histoire: l'émergence de la société civile*, de Céline Spector, *Sade et les lumières*, de Phillipe Sabot (Com tradução inédita, feita por Alex Pereira de Araújo, doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade, da UESB, que está no volume 2, número 2 da REDISCO - Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, disponibilizada no site do Labedisco - www2.uesb.br/labedisco) e, finalmente, o texto de Frédéric Gros, *Foucault et la leçon kantienne*, esteve presente nas discussões que finalizaram no dia 24 de outubro. Os

textos foram apresentados e discutidos por pesquisadores da graduação, mestrado e doutorado, que são integrantes do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo e que fazem parte dos Programas de Pós-Graduação em Linguística e Memória: Linguagem e Sociedade, da UESB. O curso faz parte do Projeto de Extensão "Análise do discurso: discurso fílmico, corpo e horror" e do Projeto de Pesquisa "Materialidades do Corpo e do Horror". Ao final do curso, os participantes da atividade elaboraram artigos que versam sobre a temática do evento associado ao objeto específico de pesquisa de cada um. Esses textos **O Corpo** traz nesta edição especial.

"(...) a própria pergunta "quem somos nós?" já é uma questão de identidade, a gente tem uma questão identitária no questionamento de Foucault a partir dessa pergunta. E, também, a partir daí, uma configuração da constituição do sujeito como a gente o entende a partir dos estudos foucaultianos. Por exemplo, a questão do "nós": a pergunta se deslocou do "quem sou eu?" pra "quem somos nós?". O "quem sou eu?", a preocupação com o "eu", é uma preocupação descartiana, e também é uma preocupação sartreana, que fazia a pergunta "quem sou eu?". A nossa questão não é o "eu", é o "nós". Por que o "nós"? O "nós" é o próprio lugar da constituição do sujeito marcado linguisticamente: o "nós", ele é um "eu" mais um "tu". O "eu" sou eu, enquanto indivíduo assumindo posições diante de um "tu", que é um outro, que pode ser outra pessoa, que pode ser outra instituição, pode ser uma outra voz de autoridade, um outro posicionamento." (Nilton Milanez em *Falas dispersas sobre o sujeito*)"

Veja o vídeo de trecho do evento clicando [aqui](#).

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho faz parte do resultado das discussões realizadas no LABEDISCO – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, no interior do curso A construção do sujeito em Kant – As Luzes de Foucault, com a finalidade de pensar a construção do sujeito por meio dos estudos Foucaultianos. O que nos levou ao texto de Kant “**O que é o esclarecimento?**” Onde o autor busca pensar: Qual a condição que mantém o homem não esclarecido? E como se pode chegar ao esclarecimento?

Antes, porém, de pensarmos o esclarecimento como nos é colocado por Kant no texto já citado precisamos refletir acerca da noção de sujeito. De que sujeito que ele fala? O sujeito que lhe interessa não é um sujeito de consciência e sim um sujeito discursivo, ou seja, é um sujeito entrelaçado por suas construções históricas e culturais, um sujeito que é imbricado e construído

* *Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.*

por meio do exterior, que o circunscreve a sua volta. Judith Revel em *Foucault conceitos essenciais* coloca que “[...] o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores [...]”. Assim o sujeito que aqui é apresentado não é um sujeito pronto, acabado, mais um sujeito em constantes modificações, que está imbricado por sua exterioridade, como também por sua interioridade um ser em construção que se apresenta por meio do seu inconsciente.

É este sujeito do inconsciente que interessa para pensarmos o esclarecimento, para pensarmos por meio de que práticas discursivas este sujeito se constitui, e quais práticas o possibilitam chegar a um esclarecimento, ou seja, a um conhecimento de si.

O QUE É O ESCLARECIMENTO?

Desta forma, Kant inicia o seu texto falando que o homem se encontra em um estado de minoridade, de dependência, de tutela do outro. Para o autor este estado de dependência é que faz

com que o homem não alcance o esclarecimento e coloca o sujeito preso em sua minoridade. Desta forma que a saída desta dependência está em sua entrada para maioridade ou tomar para si a responsabilidade de sua vida. Pois, o autor nos fala que o estado de minoridade “é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro” (KANT, p.1).

Para Kant, nós somos os responsáveis pelo permanencimento na minoridade, pois tal permanência é resultado da falta de esclarecimento, coragem, para seguir seu próprio entendimento, assim nós mesmos nos colocamos sobre a tutela do outro por acreditar que seja mais fácil, sendo um a tarefa árdua se livrar da minoridade como podemos notar na citação abaixo:

“[...]é portanto difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa minoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza. Ele se apegou a ela, e é então realmente incapaz de se servir de seu entendimento[...]” (KANT, p.2)

Desta maneira, notamos que não é uma tarefa fácil a de adquirir o esclarecimento, tudo é colocado de forma para que aceitemos a dependência, ou seja, a permanência na mi-



noridade, pois para que consigamos o esclarecimento e possamos adquirir a maioria é preciso conhecermos a nós mesmos, que consigamos fazer uso de nossa liberdade, porém tudo nos leva a uma permanência no estado de minoridade de obediência, quando tudo a nossa volta nos fala obedecei sem questionar, sem raciocinar, apenas obedecei.

No entanto o autor nos lembra que mesmo que consigamos alcançar o conhecimento de si, ou seja, termos alcançado a maioria estamos submetidos a práticas de controle, que determinam o que posso e devo fazer em determinado lugar, então por mais que sejamos um sujeito de consciência estamos presos a práticas determinadas pelo lugar que ocu-

pamos como sujeitos discursivos cabendo apenas a nós o questionamento destas práticas e o entendimento de que temos que fazer mesmo que não acreditemos no que é feito. Assim o

“Muitas coisas em nossa experiência nos convencem que o acontecimento histórico da *Aufklärung* não nos tornou maiores; e que nós não o somos ainda. No entanto, me parece que se pode dar um sentido a esta interrogação crítica sobre o presente e sobre nós mesmos que Kant formulou refletindo sobre a *Aufklärung*.”

autor exemplifica com os impostos que somos obrigados a pagar, mas podemos tomar atitudes diferenciadas perante tal prática, um sujeito que se encontra em estado de minoridade simplesmente paga sem ter noção do que está sendo feito, no entanto o sujeito que se encontra na maioria não está livre de suas obrigações tendo também que pagar os mesmos impostos, porém tem consciência de suas obrigações e que deve cobrar para que este dinheiro seja empregado de forma correta, fiscalizando. De tal forma que possamos fazer uso de nossa liberdade mais não estando livre de práticas sociais prescritas para cada sujeito,

CONCLUSÃO

Desta forma, o filósofo nos mostra que vivemos em uma sociedade

que busca nos manter sobre a minoridade, ou seja sobre a tutela do outro de maneira que não questionemos nada, simplesmente aceitemos, o autor coloca que cabe unicamente a nós mesmos

sairmos desta minoridade por meio de um conhecimento de si, assim, para conseguirmos alcançar a maioria precisamos fazer uso da liberdade em uma sociedade que nos incentiva a aceitar e obedecer sem questionar, assim depende unicamente de nós fazermos uso de nossa liberdade no sentido de que possamos questionar antes de obedecer mesmo que seja necessário a obediência.

REFERÊNCIAS:

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?**; tradução: Luiz Paulo Rouanet.

REVEL, Judith. **Michel Foucault Conceitos Essenciais**. Trd. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. Editora. Clara Luz. São Carlos. 2005.

Esclarecimento/revolução: a questão do acontecimento

Geres Alvez Luz*

Foucault (2010), em sua primeira aula – cinco de janeiro de 1983 – do curso intitulado, no Brasil, *O Governo de si e dos outros*; realiza uma introdução ao que ele chama de uma história do pensamento. Primeiramente, traça um distanciamento entre essa história do pensamento e a história das mentalidades e das representações. Sobre essa história do pensamento nos coloca que por pensamento

[...] queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nos quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis [...] (FOUCAULT, 2010, p. 5).

São nesses três eixos que os trabalhos sobre história do pensamento, realizados pelo filósofo, se baseiam.

**Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.*

Por esse viés que o autor realiza o estudo do governo de si e dos outros. Para introduzir a essa história ele inicia discutindo o texto de Kant *Was ist Aufklärung?*, traduzido no Brasil como *O que é o Esclarecimento?* Neste texto, de acordo com Foucault (2010), Kant formula algumas questões pertinentes ao governo de si e dos outros, porém antes de entrar efetivamente no texto ressalta as condições e a época em que foi publicado.

Um dos conceitos centrais do texto de Kant é a relação entre o escritor e o leitor – noção de *Publikum*, sendo que “[...] as condições em que essa relação pode e deve ser instituída e desenvolvida – que vai constitui o eixo essencial de sua análise da *Aufklärung* [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 9). Esse seria um dos motivos do texto de Kant ter sido publicado em uma revista, já que essa relação entre escritor e leitor não passava tanto pelas universidades. Não apenas Kant respondeu essa pergunta nessa revista, como também Mendels-

sohn. Foucault (2010), traz que essas respostas foram um encontro entre o esclarecimento judaico e o cristão. O ponto de encontro entre estes dois autores é a importância, que trazem em suas respostas, da liberdade, principalmente ao que se diz respeito ao exercício da religião.

O filósofo volta sua atenção, a partir do texto sobre o esclarecimento, para o surgimento de uma questão filosófica: a atualidade, “[...] é a questão de: o que acontece hoje? O que acontece agora? O que é esse ‘agora’ dentro do qual estamos todos, e que é o lugar, o ponto [do qual] escrevo [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Com essa questionamento, ele traz o papel do filósofo nesse presente, se perguntando qual o papel do pensador nesse processo. É esse o questionamento, como nos coloca Foucault (2010), da modernidade, ou o que “[...] caracteriza a filosofia como discurso da modernidade, como discurso sobre a modernidade [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 14).

A própria noção de *Aufklärung* está no cerne dessa discussão sobre a atualidade, pois ele é “[...] um período que se designa a si mesmo, um período que formula sua própria divisa, seu próprio preceito e que diz o que tem a fazer [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 15). Juntamente com essa questão da atualidade, pelo viés do que é o esclarecimento, outra questão surge nos textos de Kant: o que é a revolução?



Esse questionamento, que diz respeito a revolução francesa, e está presente no trabalho *O conflito das faculdades* de autoria do Kant, está relacionada com a noção de acontecimento. Foucault (2010) nos fala que, para Kant, o efeito de uma ação “[...] só poderá ser assinalada se se isolar um acontecimento, um acontecimento que se possa ligar a uma causa [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 17). Dessa ma-

neira, poderíamos perceber se a sociedade está em progresso, ou seja o que acontece em seu presente. Sendo que esses acontecimentos, que são os sinais do progresso, não são os grandes e visíveis, mas sim nos “[...] acontecimentos quase imperceptíveis [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 18). Portanto, não é a revolução em si ou o iluminismo em si que é importante, mas sim o sentimento de mudança que fica nas

peçoas que não participaram ou lideraram esses movimentos. Nessa medida que a revolução e o esclarecimento são acontecimentos, ou ainda como Foucault (2010) nos coloca: “[...] espécie de acontecimento cujo próprio conteúdo é sem importância, mas cuja existência no passado constitui uma virtualidade permanente, constitui para a história futura a garantia do não esquecimento e da própria continuidade

de um caminho em direção ao progresso [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 20). Podemos perceber que Foucault realiza alguns deslocamentos do texto do Kant para pensar algumas noções importantes para o seu método, aqui vemos um lugar para podermos enxergar de onde vem o interesse do autor pelo presente, e sobre o papel do pesquisador para os processos da atualidade. Assim como um germen para a sua noção de acontecimento, apresentada no texto *Retornar à história*. Onde ele, também, sugere em não vermos os grandes acontecimentos, mas sim esses acontecimentos quase imperceptíveis, porém diferente de Kant, ele não quer observar os sinais de um progresso, de uma continuidade, mas sim a descontinuidade da própria história.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Aula de 5 de janeiro de 1983 – primeira hora. In: - _____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 4 – 23.

_____. Retornar à História. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos & Escritos II: Arqueologia da Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p. 296 – 310.

A segunda hora da Aula de 5 de Janeiro de 1983 (FOUCAULT, 2010) parte da indagação kantiana sobre o que seja o iluminismo e se desenvolve a partir do destrinchar da resposta a tal dúvida, a qual vem com a seguinte formulação: o iluminismo é a *saída do homem da sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável* (p. 26). Tal formulação segue, na mesma página reportada, com a seguinte prescrição: *Sapere aude. Tem a coragem de te servir de teu próprio entendimento. Eis o mote do Iluminismo.*

Sobre a ideia de menoridade, podemos sintetizá-lo a partir do texto, a partir dos seguintes tópicos negativos:

- Não é impotência natural, na medida em que os homens são na verdade, perfeitamente capa-

* *Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.*

zes de se guiar por si sós;

- Não é privação autoritária de direitos, nem tão pouco uma formulação jurídica;
- Não se deve a ninguém, nem a nenhum fator externo, senão ao próprio homem.

A menoridade, conclui Kant, se-

“O momento da *Aufklärung* não é um pertencimento, nem uma iminência, nem uma consumação...”

ria então a falta de capacidade de utilização do próprio entendimento sem a necessidade de recorrer à direção de outrem, sendo constituída por dois pares, quais sejam:

1) Obediência e ausência de raciocínio: só pode haver obediência onde há ausência de raciocínio (ex.: Oficial, Padre e Fisco).

2) Confusão entre público e privado (uso das faculdades).

Por sua vez, a saída do estado de menoridade se dá como o *movimento pelo qual nos desprendemos de alguma coisa, sem que nada seja dito sobre para onde vamos. O momento da *Aufklärung* não é um pertencimento, nem uma iminência, nem uma consumação* (FOUCAULT, 2010, p.31).

Kant fala da “saída do homem” e Foucault observa que não fica claro que homem é esse: espécie ou indivíduo? Não ficando claro também se a saída é ativa ou passiva.

O texto traz as três críticas kantianas:

1) A questão do *Verstand* (nosso entendimento), segundo a qual, já que apelar a uma autoridade nos coloca em estado de menoridade, seria necessário que fizéssemos do nosso entendimento concreta, pessoal e individualmente sem nos referir à autoridade de um livro.

2) O problema do *Seelsorger* (problema da consciência moral), segundo o qual devemos fazer uso da nossa consciência para determinar nossa condu-

são incapazes por si mesmos de sair do seu estado de minoridade por conta da covardia e preguiça.

Kant evoca indivíduos que seriam pensantes por si mesmos. Esses

do estado de minoridade seria um ato personalíssimo de cada homem e que haveria a necessidade da divisão entre o uso autônomo e público do entendimento.

Por todo o exposto, as discussões de Kant, ao falar sobre o iluminismo, o esclarecimento e a saída do estado de minoridade, e de Foucault, ao retomar essa discussão sobre as luzes, estão ambas tratando da questão do sujeito, o que reafirma que, para os estudos foucaultianos [...] *não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral* (FOUCAULT, 1995, p. 235).



“
**Sapere
aude!**

”

ta. A preguiça e a covardia são uma espécie de déficit na relação de autonomia consigo mesmo.

3) O domínio da crítica da faculdade do juízo.

Ao trazer, mais especificamente, a *Aufklärung*, tem-se que na relação entre o governo de si e o governo dos outros que se caracteriza o estado de minoridade. O que o esclarecimento faz é redistribuir as relações entre governo de si e governo dos outros, mas Kant estabelece que os indivíduos

indivíduos: 1) escapam da preguiça e covardia; 2) apossam-se da direção dos outros; 3) pensam por si mesmos e se apoiam nessa autonomia para adquirir autoridade sobre os outros.

Foucault demonstra que, ao colocar o rei da Prússia como agente da *Aufklärung*, argumentando que a necessidade de obedecer se impõe na ordem da sociedade civil, Kant contradiz o conjunto da análise então feita, já que tal pensador afirmava que não poderia haver um agente ou agentes individuais de libertação, vez que a saída

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

_____. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

A emergência da sociedade civil

Daniel Teixeira Brito*

O sétimo encontro do evento “A Construção do Sujeito: Em Kant – as luzes de Foucault” se desenvolveu a partir do questionamento levantado por Céline Spector em *Foucault, les lumières et l’histoire: l’émergence de la société civile*. **“Como governar um espaço juridicamente soberano, mas povoado por sujeitos econômicos?”**

Ao que parecia ser uma aporia, Foucault responde com o surgimento da sociedade civil: só ela era capaz de governar o *homo oeconomicus*, característico do liberalismo. No século XVIII o governo desse sujeito de interesse, *homo oeconomicus*, se faz no interior de uma economia política que quer impulsionar o tímido e incipiente interesse público, interesse este suscitado não pela economia, mas pelas pressões do direito. Assim, o harmonizar do sujeito de interesse e do sujeito de direito feito pela economia política do século

XVIII é o que dá ensejo ao surgimento da sociedade civil.

A posição central que Foucault reserva ao sujeito na discussão sobre a emergência da sociedade civil é ressaltada por Céline Spector. A oposição do *homo oeconomicus* e do *homo juridicus* se deu no século XVIII como uma diferença inerente à racionalidade jurídica e à racionalidade econômica. Nesse sentido, Foucault opõe a dinâmica do sujeito de interesse à dialética do sujeito de direito: de um lado, uma mecânica egoísta, sem qualquer transcendência, onde o interesse de cada um entra em acordo com o interesse dos demais de forma espontânea e involuntária – é a lógica do mercado. De outro lado, uma dialética da renúncia, da transcendência e do liame de vontade – é a teoria jurídica do contrato social. Assim, nessa economia política descrita por Foucault e nascida no século XVIII, não se pede aos indivíduos que estes renunciem aos seus interesses, pois é justamente o contrário: ao buscar seus inte-

resses particulares que todos contribuem para o interesse público.

Ora, a sociedade civil emerge como resposta ao problema da governamentalidade desses sujeitos antagônicos que habitavam o mesmo espaço soberano: sujeito de interesse e sujeito de direito. Constitui-se, para tanto, um novo objeto teórico: a sociedade civil. Essa nova realidade teórica é correlata da também nova arte liberal de governar associada à aparição da economia política. É de se ressaltar que Foucault não compreende o liberalismo como mera teoria do *laissez-faire*, nem mesmo em se tratando do século XVIII; ao contrário, o liberalismo permite pensar a aliança paradoxal entre o projeto de abstenção do Estado e a sua onipresença governamental, o que possibilitam a segurança e o contexto social necessários ao desenvolvimento da economia de mercado.

Na óptica foucaultiana, o *homo oeconomicus* e a sociedade civil são dois

* *Graduando em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.*

“Como governar um espaço juridicamente soberano, mas povoado por sujeitos econômicos?”



elementos indissociáveis que constituem os dois polos da racionalidade governamental liberal. Aí, neste ponto, a autora Céline Spector tenta elucidar as razões que levaram Foucault a recorrer às Luzes escocesas para explicar a emergência (invenção) dessa nova realidade teórica que é a sociedade civil. Foucault vai buscar na *Essai sur l'histoire de la société civile* (1767) de Ferguson, teórico escocês que guarda proximidade com Adam Smith, uma forma completamente diferente de se enxer-

gar e de se pensar a atualidade daquela que tinha por base a *Aufklärung* kantiana (1784). Essa análise à luz do trabalho de um economista escocês dá azo a uma ontologia do presente distinta daquela feita pelo filósofo alemão que se encontrava no seio do paradigma teórico e prático da Revolução de 1789.

É nas Luzes escocesas que Foucault identifica um pensamento não dialético da história, bem como a emergência de um ator histórico que não o Estado. De fato, o acontecimento que

marca as Luzes escocesas é a invenção do social, invenção de uma política irreduzível ao econômico ou ao jurídico.

Assim, a leitura foucaultina de Ferguson abre um domínio de relações sociais que constituem as unidades coletivas ou políticas, que não estão forçosamente ligadas pelos laços econômicos, nem, sobretudo, pelos laços jurídicos.

Ao recorrer às Luzes escocesas, Foucault aponta uma maneira diferente de se pensar a atualidade através da economia política do século XVIII. Visando superar a ingovernabilidade de sujeitos contraditórios – *homo oeconomicus* e *homo iudicicus* –, há a invenção de uma nova realidade teórica, que não é, para Foucault, mero conceito filosófico, mas sim tecnologia governamental: a sociedade civil.

Referências

SPECTOR, Céline. Foucault, les Lumières et l'histoire: l'émergence de la société civile. In: MONDOT, Jean. **Foucault et les Lumières**. Bordeuax: Lumières, 2005, p. 169-191.

Foucault, Sade e as Luzes: o que nos interessa saber desta relação?

Alex Pereira de Araújo*

Ao longo de mais de 30 anos, Michel Foucault dedicou-se ao empreendimento de pesquisas que tinham como principal objetivo fazer a história dos modos como os seres humanos se tornam sujeito (cf. FOUCAULT, 1995). Desse seu gesto, resulta uma crítica acerca da concepção de sujeito soberano cunhada no seio da *Aufklärung* pelos filósofos iluministas, concepção que alimentou a Idade Moderna. Nesses empreendimentos, Foucault realizou, por meio de sua arqueologia, uma busca pela *episteme* que caracterizou o período chamado, por ele, de Idade Clássica (cf. FOUCAULT, 1978; 1981; SABOT, 2006).

Com essas pesquisas, o filósofo da inquietação se deparou com a obra de Kant e com a obra de Sade, procurando descrever "a mutação que por volta do século XVIII, se produziu em toda *episteme* ociden-

tal" (FOUCAULT, 1981, p. 285). Em Foucault, diríamos que tanto Kant quanto Sade estão na ordem do saber. É justamente nesses estudos, que ele começa a discutir a questão da *Aufklärung* e o modelo de sujeito forjado a partir de uma razão iluminada que libertaria os indivíduos das amarras da escuridão da ignorância, ou seja, da servidão e da opressão.

A respeito da obra de Donatien Alphonse François de Sade, ou simplesmente, o Marquês de Sade, podemos dizer que ela começou a ser redescoberta na França nos anos de 1940 por Pierre Klossowski, com a publicação de *Sade meu próximo. Entre 1947 e 1957, Georges Bataille continuará com a discussão sobre Sade, desta vez, tratando de "o segredo de Sade" (Le secret de Sade) na revista Critique e na reedição dos romances "Infortunes de la vertu" e "120 journées de Sodome" na França. Nos anos de 1960, o jovem Foucault vai trazer à tona a relação intrínseca da obra de Sade com o ilumi-*

nismo, sobretudo, em relação à autonomia do sujeito racional, desenhado pelas Luzes, o qual está na ordem do saber e nos fundamentos da modernidade. Em outras palavras, podemos dizer que Kant e Sade não se excluem, mas se complementam na medida em que o primeiro analisa os fundamentos da lei moral, desenvolvendo, para isso, o *princípio imperativo categórico* sob o qual devemos basear nossa conduta em valores adotados por todos; já o segundo, nos oferece a racionalização do sexo em romances como *Justine* e em *Juliette*, obras analisadas por Foucault em *As palavras e as coisas, na História da Loucura, em vários textos dos Ditos e Escritos* e, por fim, em *História da Sexualidade*.

Dessa forma, Foucault amplia as discussões acerca do sadismo, desenhando simultaneamente uma interpretação paradoxal das Luzes divididas entre Sade e Kant. Para Sabot (2006, p. 141), "Foucault, arqueólogo, se dedicou [...] a mostrar a ambiguidade do ilumi-

* *Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e integrante do Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo.*

nismo". É justamente com a inserção de Sade na discussão da *Aufklärung* que se pode acessar não só o lado obscuro das Luzes, mas também a ambiguidade de que se refere Sabot (2006). Tal ambiguidade é assinada por Foucault desde *As palavras e as coisas* até a *História da Sexualidade; ou seja, ela alcança todos os empreendimentos realizados por Foucault de uma forma constante e em deslocamentos. Em As palavras e as coisas, Foucault atribuir à obra de Sade a fundação arqueológica de identificação crítica de um limiar: esta vai realizar e designar o fim do pensamento clássico, conforme ressalta Sabot (2006). Já na História da sexualidade (a vontade de saber), o trabalho de Foucault procura trazer à tona a figura de um Sade que dá ao "pensamento do externo" a forma de uma sexualidade anônima.*

Para Foucault (2001, p. 222), "é menos arriscado supor que a primeira brecha por onde o pensamento do exterior se revelou para nós está, paradoxalmente, no monólogo repetitivo de Sade". A respeito do pensamento do exterior, podemos dizer que ele está ligado à abertura da linguagem que se

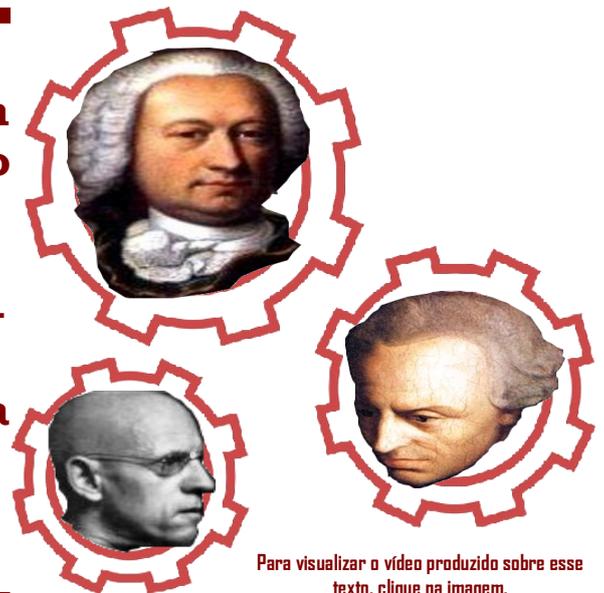
dá na literatura, ou seja, "é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma; e nessa colocação 'fora de si', ela desvenda seu ser próprio". E neste caso, "o ser da linguagem só aparece para si mesmo com o desaparecimento do sujeito" (FOUCAULT, 2001, p.222). Este pensamento se opõe ao pensamento interno, "à interioridade de nossa reflexão filosófica e à positividade de nosso saber". Em relação à *Aufklärung*, podemos dizer que ela

"é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma; e nessa colocação 'fora de si', ela desvenda seu ser próprio"

aparece no século XVIII como reação às "trevas" que alimentavam, e alimentam, a ignorância, a superstição e, sobretudo, o despotismo do Antigo Regime. Foucault afirma no texto "*O que são as Luzes?*" que "não existe quase nenhuma filosofia que, direta ou indiretamente, não tenha sido confrontada com essa

mesma questão: qual é então esse acontecimento [...] e que determinou, pelo menos em parte, o que somos e fazemos hoje?". Essa última questão parece ter motivado Foucault a operar a ambiguidade das Luzes por meio da genealogia de forma mais radical. Nestes termos, a razão em Sade está agora exposta a uma dupla objeção (SABOT, 2006).

A partir daí, havemos de perguntar como Foucault se libertou da



Para visualizar o vídeo produzido sobre esse texto, clique na imagem.

maneira tradicional de perceber as Luzes, reelaborando a temática *Aufklärung* a partir da relação de Kant com Sade, ou seja, como Foucault escapa da figura literária de um Sade apenas condicionado ao estigma de promotor de um certo discurso pornográfico.



Em termos foucaultianos, Sade parece superar o imperativo da categoria kantiana, ao inverter a fundação racional da autonomia do sujeito moral pelo excesso discursivo de uma combinação sexual em que a pessoa (a ser respeitada). É justamente aí que podemos perceber o ponto crucial da relação Foucault, Sade e as Luzes: a questão do sujeito.

Respondendo a questão kantiana "Was ist Aufklärung?", Foucault, em "O que são as Luzes?", vai enfatizar o enraizamento na Aufklärung de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo (FOUCAULT, 2001, p. 361). Nestes termos, é preciso interrogar o que Foucault entende como sujeito, já que ele buscou fazer a história dos modos como os seres humanos se tornam sujeito, além, é claro da crítica sobre o sujeito desenhado na Aufklärung.

Então, parece que Foucault nos seus últimos anos buscou fazer uma análise que pudesse explicar a constituição do sujeito na trama histórica. Daí, em *Sujeito e Poder, um de seus*

últimos textos, o filósofo da inquietação e dos deslocamentos faz um balanço da questão do sujeito ao longo dos últimos 20 anos de pesquisa, explicando que em suas pesquisas teve que lidar com três modos de objetivação que transforma os seres humanos em sujeitos. Depois, estudou como os sujeitos se constituem em relação aos outros: "exemplos: o louco e são, o doente e o sadio, os criminosos e os 'bons meninos'" (FOUCAULT, 1995, p. 231). Por fim, diz que tentou estudar o modo pelo qual um ser torna-se sujeito no domínio da sexualidade, ou seja, "como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de 'sexualidade'" (FOUCAULT, 1995, p. 232).

Então, encontramos em Foucault um ponto de articulação entre Sade e as Luzes por meio da questão do sujeito, a qual está demarcada pelo saber, pelo poder e pela razão. Daí, relembramos que nessa relação de Foucault, Sade com as Luzes, o que nos interessa é a questão do sujeito, ou seja, o sujeito demarcado pela razão emancipadora. Dentro dessa relação, a questão do corpo como discurso está diretamente ligada ao modo como a

questão da *Aufklärung* desenha e demarca o sujeito por meio da razão e da moral. Neste ponto, "Sade passa em revista todas as possibilidades, todas as dimensões da atividade sexual e as análises, muito escrupulosamente, elementos por elementos"; consequentemente, a obra de Sade põe em xeque a soberania do sujeito ao submeter os corpos a um processo de despersonalização de um desejo calculado e de um desejo e de um "logos" aritmético.

Dessa forma, a leitura de Sade realizada por Foucault promove uma novidade dentro do acontecimento histórico da Aufklärung ao evidenciar que Sade subverte a fundação racional da autonomia do sujeito moral. Para Sabot (2006), a orientação sensível da leitura de Sade feita por Foucault "se inscreve exatamente no prolongamento das teses defendidas por Adorno e Horkheimer, em 'A dialética da razão'". Ela se dedica a estabelecer a contradição própria das Luzes, a qual se esboça sobre a elaboração de uma racionalidade instrumental que se transforma em instrumento de dominação e de destruição (SABOT, 2006).



“a orientação sensível da leitura de Sade feita por Foucault “se inscreve exatamente no prolongamento das teses defendidas por Adorno e Horkheimer, em ‘A dialética da razão’”. Ela se dedica a estabelecer a contradição própria das Luzes, a qual se esboça sobre a elaboração de uma racionalidade instrumental que se transforma em instrumento de dominação e de destruição ...”



Em suma, nosso interesse é pela crítica realizada por Foucault acerca do “sujeito autônomo” que emerge ou que se constitui no acontecimento histórico das Luzes, ou seja, como Sade aparece na discussão sobre as Luzes. Toda essa reflexão tem a ver com a questão do corpo no horror à medida que tratamos dos excessos discursivos que estão presente na materialidade fílmica. Em outras palavras, nosso interesse acerca da discussão que emerge da relação trazida à tona por Foucault é sempre sobre a crítica que se realiza sobre o sujeito soberano e a questão da inversão da racionalidade que a leitura de Foucault sobre a obra de Sade nos legou.

Referências

FOUCAULT, M. *História da loucura na*

idade clássica. Tradução de José Teixeira Coelho; revisão de Antonio de Pádua Danesi. - São Paulo: Perspectiva, 1978. (edição brasileira).

_____. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. - São Paulo: Martins Fontes, 1981. (edição brasileira).

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. (edição brasileira).

_____. *Sujeito e Poder*. In: **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo. Tradução de Vera Porto Carrero. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *O que são as Luzes?* In: **Arqueologia das Ciências** e história dos sistemas de pensamento (Ditos e Escritos II). Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Elisa Monteiro. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 364-365. (edição brasileira).

_____. *Prefácio à transgressão*. In: _____. **Estética: literatura e pintura**, música e cinema (Ditos e Escritos III). Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Inês

Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001; p. 45. (edição brasileira).

_____. *O pensamento do exterior*. In: _____. **Estética: literatura e pintura**, música e cinema (Ditos e Escritos III). Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (edição brasileira).

_____. *Sade, sargento do sexo*. In: _____. **Estética: literatura e pintura**, música e cinema (Ditos e Escritos III). Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (edição brasileira).

_____. **KLOSSOWSKI, P. Sade, mon prochain**. - Paris : Seuil, Pierres vives, 1947. (edição francesa).

_____. **Sade, meu próximo**. Tradução de Armando Ribeiro - São Paulo: Brasiliense, 1985. (edição brasileira).

SABOT, P. *Foucault, Sade et les Lumières*. In: MONDOT, J. **Foucault et les Lumières**. - Bordeaux : Lumières, 2006, p. 141-155.

Resumo: Esta presente reflexão é baseada nas discussões teórico-analíticas entre os membros do grupo de pesquisa do Labedisco durante a realização do projeto de extensão *A construção do sujeito em Kant - as luzes de Foucault*. Prioritariamente, abordamos aqui os resultados do último encontro do evento, cujo texto norteador, escrito pelo filósofo francês Frédéric Gros e intitulado *Foucault et la leçon kantienne des lumières*, aborda a análise da relação entre o esclarecimento proposto por Immanuel Kant e a atitude de atualidade presente no pensamento de Michel Foucault. O intuito dessa reflexão é o entendimento da noção de *sujeito* em Foucault a partir do questionamento "quem somos nós?" através de um diagnóstico do presente que dá a ver nos modos de constituição desse sujeito no interior da história.

Palavras-chave: Kant, Foucault, esclarecimento, sujeito.

Em mais uma noite de discussões do grupo do LABEDISCO em torno da proposta de pensar, na obra de Michel Foucault, os modos possíveis de entendimento da construção do sujeito a partir do questionamento Kantiano *O que são as luzes*, todos ainda apresentavam interrogações que, até então, julgo tão

*Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e integrante do Labedisco - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo

particulares quanto coletivas. Entendo também que, em qualquer dos níveis, tais inquietações fazem revelar dois posicionamentos: primeiro, o que nos identifica na condição de pesquisadores afoitos com o conhecimento ainda pouco maturado, capaz de fazer fervilhar as mentes em busca de diálogos consistentes e criteriosos, beirando uma necessidade extraordinária de tornar científicas quaisquer que sejam as pautas. De outro lado, os aspectos referentes às nossas especificidades analíticas são os que nos cutucam a tranquilidade. Pensar as relações teóricas postas em jogo diante de cada *corpus* de pesquisa e mediante à primeira inquietação de cunho coletivo, que parece nos clamar por certa aplicabilidade conceitual, é um desafio que percorre as tiranias tanto de uma delicadeza quanto de uma rigidez implacáveis da ciência. E mesmo após algum tempo de dedicação às leituras e debates foucaultianos, vez ou outra parece que ainda não entendemos que essa teoria não se aplica a

nada justamente porque ela está implícita no funcionamento próprio da vida... Pois bem, já que tocamos neste aspecto, passemos às repercussões do encontro em questão - que, evidentemente, se configuram como efeitos engrenados de outros percursos que temos traçados juntos.

Frédéric Gros foi o nome da vez. Foi o filósofo francês quem, nessa noite, nos convidou a pensar a leitura foucaultiana dos trabalhos de Kant em torno do esclarecimento. O texto *Foucault et la leçon kantienne des lumières* traça um panorama dos principais pontos a serem considerados como relevantes para o problema da atualidade levado adiante por Foucault. O ponto inicial é o que, em Kant, conhecemos como *atitude crítica* e, em Foucault, como *resistência*. Gros, ainda que brevemente, pontua que na atitude crítica estão contidas espécies de contradições diante dos modelos pastorais, da obrigação e das técnicas de fixação das identidades individuais.

Aí está revelada a condição de governabilidade, onde a tríade *sujeito-poder-verdade* se dá a ver. O autor nos mostra como, tanto para Kant quanto para Foucault, a atitude crítica de resistência não equivale a uma teoria, uma doutrina ou um sistema, mas diz respeito a uma recusa de um governo que se propõe, reacionariamente, "assim ou assado", pondo em cheque uma arte de não ser completamente governado. Neste aspecto, observamos que toda atitude crítica e todo modo de resistência no que diz respeito à construção do sujeito que pensa por si mesmo acerca dos discursos de verdade se constitui como elemento primordial para a saída do que Kant chamou de estado de *menoridade* - certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de qualquer um para nos conduzir nos domínios onde convém fazer uso da razão (FOUCAULT, 2005).

Gros segue seu texto desenvolvendo a ideia de que a questão de "como não ser governado desse mo-

do?" desemboca no interior de outra questão, a do esclarecimento: "o que eu conheço?", "como eu conheço?". Neste sentido, aparece um ponto em Kant referente ao poder de uma racionalidade de que pode ser libertadora. A questão da construção do conhecimento em Kant é pontuada por Foucault em seu entendimento acerca da filosofia moderna e do seu interesse pela atualidade. Os pontos, neste, já não se reclinam mais sobre o sujeito que pensa, mas sobre o que o faz pensar, sobre a maneira por meio da qual a filosofia moderna se inquieta de suas próprias possibilidades.

Na direção dessa investigação, afirma Gros (1995, p. 177), quando Kant pergunta, em 1784, *Was heisst Aufklärung?*, ele quer dizer: O que é que se passa nesse momento? O que é que nos acontece? Qual é este mundo, este momento preciso no qual vivemos?. Ou, para dizer as coisas de outro modo: "Quem somos nós?". Vemos aí como Foucault dirige a interrogação kantiana

para a questão do sujeito. Foucault assinala logo que não se trata de perguntar quem somos nós enquanto sujeitos universais, mas enquanto sujeitos ou singularidades históricos. A pergunta que se torna pertinente agora é sobre essa historicidade que nos atravessa e nos constitui, haja vista que "não há sujeito que não seja histórico, e a determinação da historicidade daquilo que somos é ao mesmo tempo uma provocação à nossa liberdade" (GROS, 1995, p. 177).

Em Foucault, notamos a emergência de Kant em sua tarefa histórico-crítica. Ao afirmar sobre o por que de se estudar o poder para entender o sujeito, Foucault (1987) esclarece que a tarefa filosófica deve ser aquela em que se pergunta sobre o somos nesse preciso momento não pelo que se descobre dos homens, mas pelo que se recusa em si próprio.



“Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento”

Está posta em Foucault a necessidade de entender o próprio presente como objeto da atitude crítica. Foucault nos mostra que o objetivo do

cie de consciência do acontecimento, capaz de colocar em evidência as singularidades e as condições de aceitabilidade no jogo das interações e das

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História das Violências nas Prisões. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes,



texto de Kant era definir o *Aufklärung* não a partir de uma totalidade ou de um acontecimento futuro, mas de maneira quase inteiramente negativa, como uma saída, uma partida, que o caracteriza como um processo capaz de livrar o homem de seu estado de menoridade.

Para Foucault, a atitude crítica como ontologia do presente é capaz de restituir ao acontecimento, ao conjunto histórico de práticas e discursos, uma positividade que não deve ser analisada de maneira universal, mas nas suas particularidades, nas suas singularidades. É preciso praticar uma espé-

estratégias múltiplas. Esse *ethos* filosófico, essa ontologia crítica do próprio homem, como afirmamos no início dessa reflexão, está longe de ser uma teoria, uma doutrina ou um *corpus* permanente de saber, mas uma atitude, em que a crítica se traduz de diversas formas, especialmente na linha entre arqueologia e genealogia, na compreensão da coerência entre as práticas concretas, as tecnologias de racionalidade e os jogos estratégicos de liberdade.

1987.

_____. O que são as luzes? In: _____. **Ditos e Escritos**. In: **Ditos e Escritos II**. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 235-251.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS e RABINOW. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.

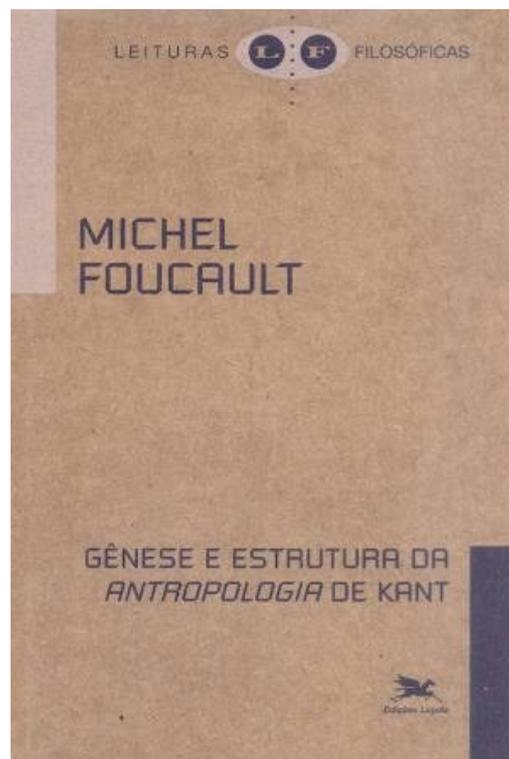
GRDS, Frederic. Foucault e a questão do *quem somos nós?* In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP. V. 7, n. 1-2, out, 1995, p. 175-178.

_____. Foucault et la leçon kantienne des lumières. In: MONDOT, Jean. **Foucault et les Lumières**. Bordeaux: Lumières, 2005, p. 159-167.

Dica de **O CORPO**

Leitura do livro "**Gênese e estrutura da antropologia de Kant**", de Michel Foucault.

O texto é a tese complementar defendida em 1961 sobre a orientação de Jean Htppolite. A presente edição apresenta o texto completo da Introdução à antropologia de Kant, e pretende permitir ao leitor entrar no núcleo de uma obra alimentada por um debate crítico com Kant - Que é o homem?



Dica de **O CORPO**

Leitura do livro "**Crítica da razão pura**", de Immanuel Kant.

Crítica da razão pura, principal obra de Immanuel Kant, divide a história da filosofia em duas: antes e depois da Crítica. Num momento em que a filosofia dividia-se em racionalistas de um lado e empiristas de outro, procurou Kant demonstrar que o nosso conhecimento é, necessariamente, tanto empírico como racional, inaugurando, com isso, uma posição singular no debate filosófico, criando as bases para a Teoria do Conhecimento como disciplina filosófica. Entrar no universo da Crítica da razão pura é aceitar o desafio, colocado pelo próprio Kant, de evitar o dogmatismo sem cair no relativismo; evitar o absoluto sem cair no nada.



Colaboradores



**O Corpo é Discurso
é o primeiro jornal
eletrônico de
popularização
científica da Bahia.**

Popularização da Ciência

A pesquisa científica gera conhecimentos, tecnologias e inovações que beneficiam toda a sociedade. No entanto, muitas pessoas não conseguem compreender a linguagem utilizada pelos pesquisadores. Neste contexto, a grande mídia e as novas tecnologias de comunicação cumprem o papel de facilitadores do acesso ao conhecimento científico. Para contribuir com esse processo, em sintonia com o espírito que anima o Comitê de Assessoramento de Divulgação Científica do CNPq, criamos esta seção no portal do CNPq. Seja bem-vindo ao nosso espaço de popularização da ciência e aproveite para conhecer as pesquisas dos cientistas brasileiros e os benefícios provenientes do desenvolvimento científico-tecnológico.